

# Traumatismo da ordem vital e princípio da realidade

## Considerações a partir do verso

### “Apenas a matéria vida era tão fina”<sup>1</sup>

*Trauma of the vital order and reality principle*  
*Considerations from the verse*  
*“But the matter of life was so thin”*

---

*Luis Claudio Figueiredo*<sup>2\*</sup>

#### **Resumo**

O artigo explora a transição do princípio do prazer ao princípio da realidade no contexto da psicanálise, abordando as contribuições de Freud, Ferenczi, Winnicott e Bion. Partindo de Freud e passando pelas contribuições de Ferenczi, chega-se às ideias de Winnicott e Bion para rever a difícil passagem com elevado potencial traumatizante. A integração das teorias de Freud, Ferenczi, Winnicott e Bion sugere que a ordem vital do humano requer a mediação e simbolização como condição para a aceitação não traumática da realidade hostil e adversa. A capacidade de representação e simbolização torna a matéria vida mais espessa e apta a suportar ausências e adversidades sem recorrer a blindagem ou anestesia. Assim sendo, a passagem para o princípio de realidade não precisa ser traumatizante, desde que haja um bom objeto capaz de transformar as experiências emocionais primitivas. O artigo cita várias obras importantes, incluindo trabalhos de *Freud* (1911, 1915, 1924, 1937), *Ferenczi* (1913, 1926), *Bion* (1956, 1957, 1962), e *Winnicott* (1945, 1951, 1971).

**Palavras-chave:** Princípio de prazer. Princípio de realidade. Trauma. Simbolização. Objeto primário.

#### **Abstract**

*The paper explores the transition from the pleasure principle to the reality principle in the context of psychoanalysis, addressing the contributions of Freud, Ferenczi, Winnicott and Bion. Starting*

---

1. Comunicação no CPRJ no dia 09 de novembro de 2024 em uma mesa-redonda com Neyza Prochet e coordenação de Carla Penna. O Título da mesa era “Apenas, a matéria vida era tão fina”, um verso de Caetano Veloso.

2. Agradeço a Andreia Rocha de Vasconcellos, Nelson Coelho Junior, Octavio Souza, Flávio Ferraz e Décio Gurfinkel pelas leituras e comentários.

\* Psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, Brasil.

lclaudio.tablet@gmail.com

*from Freud and passing through the contributions of Ferenczi, we arrive at the ideas of Winnicott and Bion to review the difficult passage with high traumatizing potential. The integration of Freud, Ferenczi, Winnicott, and Bion theories suggest that the vital order of the human life requires mediation and symbolization as a condition for non-traumatic acceptance of hostile and adverse reality. The capacity for representation and symbolization makes matter life thicker and able to withstand absences and adversities without resorting to shielding or anesthesia. Therefore, the passage to the reality principle need not be traumatizing, as long as there is a good object capable of transforming primitive emotional experiences. The article cites several important works, including works by Freud (1911, 1915, 1924, 1937), Ferenczi (1913, 1926), Bion (1956, 1957, 1962), and Winnicott (1945 1951, 1971).*

**Keywords:** *Pleasure principle. Reality principle. Trauma. Symbolization. Primary object.*

“Muitas vezes ouvimos falar das frustrações muito reais impostas pela realidade, mas com menos frequência ouço sobre o alívio e a satisfação que ela proporciona”.  
(WINNICOTT, 1975/1945)

## Sobre o princípio de realidade

Em 1911 Freud publicou um texto decisivo sobre a necessária e difícil passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade. Nele já se apontava a ideia de que a rejeição da realidade *insuportável* estava por trás dos adoecimentos psicóticos: “Os neuróticos dão as costas à realidade por considerá-la – no todo ou em parte – *insuportável*. O tipo mais extremo desse afastamento da realidade aparece em alguns casos de psicose alucinatória, nos quais se procura negar o acontecimento que provocou a loucura (Griesinger)” (FREUD, 2010). É evidente que o encontro com a *realidade insuportável* nesses casos caracterizou um acontecimento traumático.

Prossegue Freud: “...assim nos defrontamos com a tarefa de investigar, em seu desenvolvimento, a relação do neurótico e do próprio ser humano com a realidade, desse modo admitindo, no corpo de nossas teorias, a significação psicológica do mundo externo real”.

Quando é possível suportar o insuportável, o seja, a não satisfação dos desejos e a obtenção do prazer imediato (real ou imaginário, alucinado), um importante desenvolvimento pode ocorrer:

Apenas a ausência da satisfação esperada, a decepção, levou a que se abandonasse a tentativa de satisfação por meio alucinatório. Em vez disso, o aparelho psíquico teve que se decidir a formar uma ideia das reais circunstâncias do mundo exterior e se empenhar em sua real transformação. Com isso foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. Esse estabelecimento do princípio da realidade resultou ser um passo de enormes consequências (FREUD, 2010).

Dois anos depois tivemos o texto de Ferenczi (FERENCZI, 1992) contribuindo para nossa apreciação de quão difícil, trabalhoso e lento é esse processo. A passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, o que exige, segundo esse autor, uma gradual renúncia à onipotência incondicional da vida intrauterina e inclui inúmeros estágios de onipotência parcial e condicionada – são “ilusões de onipotência” – é um processo não apenas gradual como in-

completo, nunca se conclui em todos os âmbitos da vida psíquica. Nunca se desiste de forma absoluta do princípio de prazer e ele se mantém dominante em certas áreas da vida psíquica, como no sonhar e no brincar. Ou seja, o encontro com a realidade potencialmente traumático nunca será completamente superado.

Treze anos mais tarde, em 1926, Ferenczi (FERENCZI, 1993) deu um outro e importante passo na elucidação desse problema em um texto em que fala da *afirmação* – e não apenas “aceitação” – do desprazer, isto é, da realidade desagradável e insuportável.

O desprazer, segundo Ferenczi, está diretamente ligado à renúncia à onipotência e ao impacto sobre nós da realidade fora de nosso controle que nos aparece como hostil, adversa e opositiva (dá muito trabalho e dor de cabeça). A renúncia à onipotência implicada na *afirmação do desprazer* permite uma transformação radical: não apenas se sai do medo, do ódio e da rejeição à realidade percebida como hostil para a sua aceitação, como, indo além, pode-se estabelecer um outro tipo de relação com a realidade, pode-se “contar com ela”, o que antecipa a noção de “uso do objeto” concebida por Winnicott décadas depois.

Em um texto publicado este ano na segunda edição ampliada de meu livro *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (FIGUEIREDO, 2024) faço um exame detalhado desse percurso que vai de Freud de 1911 até Ferenczi 1926, passando por diversos outros textos dos dois autores.

Em resumo, se o encontro com a realidade tem um potencial traumático inegável, pois a realidade nos aparece de início como hostil e odiosa já que escapa à nossa área de onipotência; o amadurecimento emocional pode trazer possibilidades completamente novas e que vão muito além da resignação e da aceitação. O conceito ferencziano de afirmação do desprazer torna Ferenczi não apenas um “pensador do traumático”, condição a que tristemente às vezes ele é reduzido, mas um psicanalista que nos abre os horizontes para uma relação não traumática com as realidades externas e internas.

Mas voltemos um pouco à ideia e à experiência original da realidade tal como nos aparece no Freud de “Pulsões e destinos das pulsões” (FREUD, 2010a), onde se lê que “o exterior, o objeto, o odiado, foram equivalentes no início. E se mais tarde o objeto se revela como fonte de prazer, aí é amado, mas também incorporado ao eu, de maneira que para o eu-prazer purificado, o objeto coincide com o alheio e odiado”.

## Sobre a realidade sentida como hostil, adversa e opositiva e seus impactos: o que fazer com ela?

Começemos recordando um dos textos de Freud de 1924 em que a questão da psicose e do encontro traumático com a realidade está em pauta: “A neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de uma tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 2011). Prosseguindo mais adiante: “...o motivo dessa ruptura com o mundo exterior é uma difícil, aparentemente *intolerável* frustração do desejo por parte da realidade”. Adversa, hostil e intolerável é o que a realidade exterior pareceu ser ao eu nos casos de psicose, o que justifica falar no funcionamento psicótico como implicando o *ódio à realidade*. Ou seja, para a mente psicótica a equivalência apontada em 1915 entre o alheio, o externo e o odiado se manteve e produziu consequências graves.

Nesse texto de Freud e no que vem em seguida no mesmo ano de 1924 (FREUD, 2011, 2011a), o que vemos é como na psicose o ódio à realidade hostil, adversa e opositiva se conservou e se transformou em uma organização patológica da personalidade (termo que não é freudiano) cujo eixo é uma *negação bastante ampla e profunda da realidade exterior*.

Freud chegava a essas conclusões sem a experiência clínica com psicóticos.

Na década de 50 Wilfred R. Bion trabalhou intensamente com pacientes psicóticos e psicóticos *borderline* e desse trabalho surgiram os textos (alguns publicados na época e outros inéditos) redigidos de 1950 a 1962 e que vieram a ser republicados em 1967 no livro *Second Thoughts. Selected Papers on Psycho-Analysis* (BION, 2022). Vou me concentrar nos textos de 1956 em diante, “*Desenvolvimento de um pensar esquizofrênico*”, “*A Diferenciação entre a personalidade psicótica e não-psicótica*”, “*Alucinação*”, “*Arrogância*”, “*Ataques contra os vínculos*” e “*Uma teoria do pensar*” (BION, 2022a, 2022b, 2022c, 2022d).

Na sua compreensão da psicose Bion retoma o Freud de 1911 e de 1924, ao que acrescenta ideias de Melanie Klein, principalmente as do texto de 1946 sobre a posição esquizoparanoide e a identificação projetiva.

O que vinha em primeiro lugar é, freudianamente, entender a psicose como *ódio à realidade hostil, adversa e opositiva*, e, em seguida, os mecanismos arcaicos de defesa contra as angústias de aniquilação que o encontro traumático com a realidade exterior gera: a cisão e a identificação projetiva etc.

Em dois textos de 1956 e 1957 (BION, 2022a, 2022b), Bion deixa claro que a psicose – vale dizer, esse ódio e rejeição das realidades – em primeiro lugar, a externa, mas em seguida, a interna que põe o sujeito em contato com a exter-

na e produz insuportável medo, ódio e dor – decorre de fatores constitucionais e ambientais, mas que nesse momento vai se concentrar nos fatores constitucionais que ele chama “fatores de personalidade”. Diz ele:

O distúrbio esquizofrênico surge de uma interação entre (i) o ambiente e (ii) a personalidade. Neste artigo, ignoro o ambiente e concentro a atenção em quatro características essenciais da personalidade esquizofrênica. O primeiro é uma preponderância de impulsos destrutivos tão grandes que até mesmo os impulsos de amar são impregnados por eles e transformados em sadismo. Em segundo lugar, há um ódio à realidade que, como Freud apontou, é estendido a todos os aspectos da psique que contribuem para a consciência dela. Eu adiciono ódio à realidade interna e tudo o que contribui para a consciência dela. Em terceiro lugar, derivado desses dois, está um pavor incessante de aniquilação iminente. O quarto é uma formação precipitada e prematura de relações objetais, a principal das quais é a transferência, cuja ‘magreza’ está em contraste marcante com a tenacidade com que é mantida.

São condições inatas, provavelmente geneticamente herdadas e com as quais o sujeito nasce – como a força das pulsões destrutivas –, das quais derivam diretamente certas propensões – como o medo da aniquilação e as tendências a relações de objeto precipitadas com uma forte dependência precoce na transferência. O objetivo nesses textos de 1956 e 1957 é o de focalizar as *predisposições* pulsionais e as *organizações e mecanismos de defesa* predominantes na personalidade psicótica. Freud e Klein são seus grandes pilares, bem como sua própria experiência clínica com inúmeros pacientes psicóticos que odeiam a realidade externa e procuram destruir a realidade psíquica que os poria em contato com os objetos hostis e odiados.

Há, porém, um texto de 1957 (BION, 2022c), apresentado em Congresso Mundial da IPA, mas não publicado na época, que traz uma grande e importante inflexão. É quando Bion nos fala de um *desastre psicológico*, também denominado de *catástrofe psicológica*. Com esse conceito ele lança luz sobre um fator ambiental e traumático na constituição da psicose. Se o grande problema do psicótico são as angústias de aniquilação e os mecanismos arcaicos para lidar com elas – à diferença do problema neurótico que é o de lidar com conflitos que desafiam o eu e lhe demandam mecanismos mais complexos como a repressão e seus coadjuvantes – ao falar de um *desastre psicológico*, ou *catástrofe*, o que pertence aos percalços da ontogênese, Bion aponta justamente para o que pode ter havido de traumático e evitável no

encontro com a realidade<sup>3</sup>. Assinalo que para Bion não há lugar para o que veio a ser pensado como alguns autores como “trauma constitutivo” e inevitável (Cf. LAPLANCHE): os desastres e catástrofes são profundamente destrutivos, mas podem e devem ser evitados.

No que consistiria esse encontro traumático? Enfim, o que teria sido o tal *desastre psicológico* evitável? Bion refere-se às falhas do bom objeto primário que deveria ter sido capaz de continência e reverie diante das angústias primitivas do bebê e infante lançadas por identificação projetiva sobre e para dentro dele, mas não o fez. Essas ideias ficarão ainda mais claras e explícitas no texto seguinte, de 1959, *Ataques contra os vínculos* (BION, 2022d), dedicado ao tema da destruição das ligações intersubjetivas e intrapsíquicas e, finalmente, no artigo de 1962, *Uma teoria do pensar* (BION, 2022e). No artigo de 1959 não apenas fica clara a origem do desastre psicológico nas relações colapsadas entre o bebê e sua mãe quando essa foi incapaz de receber e processar as identificações projetivas do infante, como a possibilidade de o paciente ser retraumatizado pelo analista. Por exemplo, comentando um evento desastroso na sua relação com um paciente, Bion afirma: “Quando o paciente se esforçou para se livrar dos medos da morte, que eram sentidos como fortes demais para sua personalidade conter, ele cindiu seus medos e os colocou em mim, sendo que a ideia aparentemente era que, se eles pudessem repousar lá [no psiquismo de Bion] por tempo suficiente, eles sofreriam modificações por minha capacidade psíquica e poderiam então ser reintroduzidos no paciente com segurança. Na ocasião que tenho em mente, o paciente sentiu, provavelmente por razões semelhantes às que dou em minha quinta ilustração, as nuvens de probabilidade, que eu as evacuei tão rapidamente que os sentimentos não foram modificados, mas se tornaram mais dolorosos”. Ou seja, Bion foi sentido como repetindo a inaptidão da mãe daquele paciente quando era bebê. Ou seja,

A situação analítica construiu em minha mente uma sensação de testemunhar uma cena extremamente precoce. Senti que o paciente havia experimentado na infância uma mãe que “obedientemente” respondia de forma mecânica às demonstrações emocionais do bebê. A resposta “obediente” continha um elemento de impaciência: “Não sei qual é o problema com a criança”. Minha dedução foi que, para entender o que a criança queria, a mãe deveria ter tratado o choro da criança como mais

---

3. Essa distinção de Bion nos leva a pensar que a “realidade” que, segundo Freud, é negada pelo neurótico que usa a repressão tem a ver com a intensidade de conflitos e não é a mesma “realidade”, traumatizante, que se torna insuportável e é rejeitada pelo psicótico.

do que uma demanda por sua presença. Do ponto de vista da criança, ela deveria ter levado para dentro de si, e assim experimentado, o medo de que a criança estivesse morrendo. Era esse medo que a criança não conseguia conter. Ele se esforçou para clivá-lo junto com a parte da personalidade em que estava e projetá-lo na mãe. Uma mãe compreensiva é capaz de experimentar o sentimento de pavor, com o qual esse bebê estava se esforçando para lidar por identificação projetiva, e ainda assim manter uma perspectiva equilibrada. Esse paciente teve que lidar com uma mãe que não tolerava experimentar tais sentimentos e reagiu negando-lhes a entrada ou, alternativamente, tornando-se presa da ansiedade resultante da introjeção dos sentimentos do bebê. A última reação deve, eu acho, ter sido rara: a negação foi dominante (BION, 2022e).

Eis aí um autêntico trabalho de “construção em análise”, tal como Freud preconizara no texto de 1937 (FREUD, 2018), uma construção totalmente enraizada no que Bion intuía no campo transferencial, mas que se alça à condição de *teoria geral* da constituição mental dos sujeitos.

É no contexto do problema epistemológico que estou assinalando que entra o texto seguinte, o último da coletânea de 1967, *Uma teoria do pensar*. Trata-se agora efetivamente de uma teoria com pretensões à universalidade. Seu ponto de partida é a clínica e as experiências emocionais que comporta. Essa passagem da experiência emocional sempre singularizada e contextualizada para uma construção de alcance teórico universal não apenas segue as trilhas do texto de Freud de 1937, como vai realmente além e, no fundo, responde a uma questão epistemológica básica: de onde provêm as teorias da psicanálise e como são construídas? O livro *Second Thoughts* é, entre outras coisas, exemplar como resposta a essa questão, realizando na prática, ao longo de todos os seus capítulos que vão de 1950 a 1962, uma espécie de demonstração do que pode ser entendido como resposta à questão epistemológica. A teoria da psicanálise nasce, cresce e se expande “conquistada do infinito escuro e sem forma” de experiências emocionais, paráfrase de um verso de John Milton que Bion adotou para usar nos comentários finais do livro de 1967 e, mais ainda, em seu próximo livro de 1970, *Attention and Interpretation*.

Nesse trabalho de 1962 a ideia central do texto de 1959 é retomada e expandida, ou seja, é exposta realmente no plano de um *sistema teórico* que se assemelha a um sistema filosófico, mas dele se diferencia porque parte das experiências emocionais do autor e se destina à prática e a “testes empíricos”, uma expressão que cinco anos mais tarde, nos “Comentários”, ele retoma e tenta esclarecer. “Gostaria de alertar contra a expressão ‘dados empiricamente

verificáveis’ que eu emprego. Não quero dizer que a experiência ‘verifica’ ou ‘válida’ coisa alguma. Essa crença, tal como a encontrei na literatura da filosofia da ciência, relaciona-se (*na verdade*) a uma experiência que permite (*apenas*) ao cientista alcançar um sentimento de segurança para compensar e neutralizar o sentimento de insegurança (*que se abate sobre ele*) quando se dá conta que a ‘descoberta’ (*realizada por ele*) abre outras perspectivas de problemas ainda não resolvidos – ‘pensamentos’ em busca de um pensador” (as palavras em itálico e entre parênteses foram acrescentadas por mim para dar mais fluência ao texto de Bion).

Ou seja, não é bem uma “validação” ou “verificação”, mas uma experiência emocional de relativa segurança diante do desafio de ir adiante e pensar mais, para dar conta do que exige um aparelho mais apto para pensar pensamentos que o assediam sem encontrar ainda guarida em sua mente. É assim que teorias psicanalíticas nascem, crescem e requerem sempre maiores expansões, “conquistadas do infinito escuro e sem forma”.

No texto de 62 Bion nos propõe a hipótese de que nascemos com a *preconcepção* de tal bom objeto (uma expectativa, ou “pensamento vazio” à la Kant) e à procura dele, uma ideia que, embora já pressuposta no texto de 59, é plenamente delineada no texto de 1962 (BION, 2022e), o último da coletânea. No início, 1957 e 1959, Bion falava da ausência desse encontro esperado e necessário: um *desastre psicológico*, uma *catástrofe*. No texto de 1962, falará em colapso (*breakdown*) na interação básica do bebê com sua mãe: “Por enquanto, faço a distinção apenas para mostrar o que acontece se houver um colapso [*breakdown*] da interação por meio da identificação projetiva entre a consciência (*consciousness*) rudimentar [do bebê] e a reverie materna”. O colapso da interação é o que em textos anteriores fora chamado de desastre psicológico ou catástrofe.

Em 62 nos falará também, contudo, do que pode e precisa acontecer para que esse desastre evitável seja de fato evitado. Esse é um desastre de profundas e terríveis consequências: passa-se a odiar a realidade externa, a odiar e destruir a realidade interna, a capacidade de tomar consciência (*awareness*) e todos os vínculos emocionais intersubjetivos, ou seja, institui-se o ódio à vida emocional e à vida em todas as suas dimensões vinculares.

Mas voltemos à questão das *preconcepções*. A partir dessa *preconcepção*, ou expectativa, e dessa “procura”, o bom objeto pode ser encontrado, mas, evidentemente, o bom objeto pode, infelizmente, não ser encontrado. Aliás, mesmo quando é encontrado, esse encontro não é perfeito e absoluto, porém nas suas ausências e falhas eventuais, o sujeito poderá fazer uso de sua experiência

primária bem-sucedida para ir aos poucos internalizando a capacidade de continência e de reverie que era primeiramente do bom objeto. Com isso, vai adquirindo a capacidade de enfrentar a realidade em seus aspectos mais complexos, adversos e hostis sem traumas, ainda que com desafios e adversidades, pois a realidade muitas vezes dá muito trabalho e muita dor de cabeça.

Antes de prosseguirmos, vale a pena assinalar que o que subjaz a essa ideia de que as capacidades maternas de uma mãe continente, desde que encontrada, podem ser introjetadas em sua ausência, seguem o modelo proposto por Freud para entender o processo de luto: o bom objeto perdido deverá ser introjetado para que possa ser efetivamente objeto de uma renúncia. Já o objeto mau não será introjetado nem objeto de luto, criando-se a situação do luto encruado e impossível, ou seja, de melancolia. Nesse momento de sua argumentação não faz referência ao texto de 1917 (FREUD) mas é possível reconhecer a mesma lógica.

Bion tanto fala dos bons encontros capazes de instalar progressivamente, nas ausências do bom objeto, uma capacidade de processar experiências emocionais complexas e que comportam aspectos difíceis e dolorosos, como nos fala dos maus encontros, que produzem desastres psicológicos, catástrofes, traumas, ódio psicótico à realidade, angústia de aniquilação que incluem o que ele chamou de “terror sem nome” (*nameless dread*) e defesas arcaicas cristalizadas, bem como se sugeriu acima, melancolização. Entre essas defesas, a mais radical e daninha é a destruição de toda a capacidade de fazer contato com o mundo e com a própria dor psíquica insuportável do terror sem nome.

Neste momento cabe assinalar que o mau encontro é traumático e desastroso justamente porque deixa o sujeito à mercê da realidade hostil, adversa e opositiva, com todo o seu potencial de produzir outros e repetidos maus encontros desastrosos, razão pela qual se ataca o próprio equipamento mental responsável pela consciência (*awareness*) da realidade intolerável.

Quando foi possível instalar o “aparelho” para pensar, a realidade não deixa de ter aspectos hostis, adversos e opositivos, mas seu potencial traumatizante é reduzido ou mesmo eliminado. Nos termos ferenczianos, e indo por outro caminho, pode-se dizer que há agora a possibilidade de afirmar o desprazer e tirar partido da realidade com toda a sua complexidade e ambivalência, usá-la, como dirá Winnicott. Em termos kleinianos, que são os de Bion nessa época, diríamos que foi possível ingressar na posição depressiva e atravessá-la.

Para que isso ocorra, será necessária alguma tolerância à frustração dos encontros imperfeitos – o que dependerá de fatores constitucionais da personalidade, pois há bebês mais tolerantes e outros muito mais intolerantes aos pequenos

desencontros que ocorrem mesmo com mães bastante aptas à maternagem. Entretanto, os bons encontros e a internalização dos bons objetos continentais, por seu lado, irão ampliando a tolerância à frustração. Nessa boa linha evolutiva, a realidade poderá vir a ser aceita e – indo além na linha ferenciana –, vir a ser “afirmada” e “usada” até em seus aspectos adversos e opositivos. Em trabalho recente (lido na mesa redonda em que uma versão resumida do presente texto foi apresentada) Neyza Prochet lembrou de Ovídio dizendo: guarde bem a sua dor porque no futuro ela poderá ser bem útil. Não se trata de negá-la de uma forma ou outra, mas de preservá-la em um processo de aprender com a experiência emocional; uma verdadeira “afirmação do desprazer”, para usarmos a ideia de Ferenczi e que nada tem a ver com masoquismo.

No entanto, quando ocorre o *desastre psicológico*, vai prevalecer e crescer a intolerância à frustração, assomam as angústias de aniquilamento e são acionados os mecanismos arcaicos de negação e os ataques à realidade externa e interna. As realidades tornaram-se insuportavelmente adversas, traumáticas e dolorosas, ou seja, um núcleo psicótico de ódio à realidade e à vida ganhou força, mesmo que não tenha vindo a dominar completamente o psiquismo produzindo o que Bion denomina “psicótico certificado”<sup>4</sup>.

Vemos que em Bion há sempre a conjugação de fatores constitucionais e ambientais. Do lado dos constitucionais, temos tanto a força relativa das pulsões (pulsões de vida e pulsões de destruição), como a concepção dos bons objetos e ainda a maior tolerância ou intolerância à frustração, mas esses “fatores da personalidade” interagem com os acontecimentos da vida que podem ser favoráveis – caso o bom objeto seja encontrado – ou traumáticos, caso em que vai ocorrer um desastre psicológico pela ausência drástica do objeto continente.

### **Uma outra perspectiva, uma convergência: Winnicott**

Há inúmeras diferenças entre Bion e Winnicott e a elas farei referência adiante. Não obstante, gostaria de assinalar algumas convergências notáveis pois alguns textos de Donald Winnicott vão na mesma direção tomada por Bion, ainda que por outro caminho (WINNICOTT, 2005).

De início vamos assinalar o papel da ilusão na renúncia gradual à onipotência, ou seja, na passagem gradual ao princípio de realidade. Trata-se efeti-

4. Trata-se do sujeito com um diagnóstico psiquiátrico de psicose.

vamente de uma ilusão de onipotência a ser mantida como condição de fazer da passagem do princípio de prazer ao de realidade algo menos traumático. A ilusão de onipotência está intrinsecamente associada à criatividade primária – um impulso (*drive*) inato – e, nessa medida, precisa ser preservada mesmo quando o princípio de realidade venha a se impor.

Nisso encontramos Winnicott na esteira de Ferenczi, privilegiando o fator ambiental favorável, capaz de sustentar a ilusão de onipotência, ou seja, a criatividade primária, na medida das necessidades e das possibilidades do eu em formação e, indo além, ao longo de toda a existência.

Em seguida, cabe focalizar os fenômenos e objetos transicionais (WINNICOTT, 2005a) em que também estão em questão a ilusão e a passagem do objeto subjetivo para uma possibilidade de relação menos traumatizante para um “objeto objetivo”, separado e independente, fora da área de onipotência. Ouçamos Winnicott:

Os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao reino da ilusão que está na base da iniciação da experiência. Esse estágio inicial do desenvolvimento é possível graças à capacidade especial da mãe de se adaptar às necessidades de seu bebê, permitindo assim ao bebê a ilusão de que o que o bebê cria realmente existe. Essa área intermediária da experiência, incontestada em relação à sua pertença à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a maior parte da experiência do bebê e ao longo da vida é retida na experiência intensa que pertence às artes, à religião, à vida imaginativa e ao trabalho científico criativo. Um valor positivo da ilusão pode, portanto, ser declarado. (WINNICOTT, 1975).

Nesses fenômenos, igualmente, os fatores ambientais interagem com a criatividade inata do sujeito para a constituição do espaço potencial, de certa forma ilusório e paradoxal – simultaneamente subjetivo e objetivo – que precisa mediar nossas interações com o mundo “real” para que este não se torne insuportável e doloroso. Está aí uma das origens da nossa capacidade de representar e simbolizar: o objeto transicional é e não é, “representa”, une e separa, há faz-de-conta e brincadeira no espaço potencial em que os objetos transicionais existem.

Finalmente, é preciso mencionar a mais criativa e ousada das ideias winnicottianas acerca da passagem para o princípio de realidade. Refiro-me ao texto sobre o uso do objeto em que uma explícita alusão ao princípio de realidade comparece diversas vezes (WINNICOTT, 2005b). A relação com a

problemática dos objetos e fenômenos transicionais é clara: “Esse uso não pode ser descrito exceto em termos de aceitação da existência independente do objeto, sua propriedade de ter estado lá o tempo todo. Você verá que são exatamente esses problemas que nos preocupam quando olhamos para a área que tentei chamar de atenção em meu trabalho sobre o que chamei de fenômenos transicionais”. Não apenas é necessário sustentar a ilusão de onipotência e a mediação pelo objeto transicional ser respeitada em sua condição paradoxal para que um objeto “real” possa vir a ser tolerado sem excessivo traumatismo, como é a própria constituição de objetos tomados como reais que agora estará em questão.

A questão da passagem para o princípio de realidade imediatamente vem à luz: “Para usar um objeto, o sujeito deve ter desenvolvido a *capacidade de usar objetos*. Isso faz parte da *mudança para o princípio da realidade*” (grifo nosso).

A principal tese é que a passagem do objeto subjetivo ao objeto objetivo – o que abre o horizonte para o uso do objeto – depende da destruição imaginária do primeiro, e da sobrevivência e da não retaliação dos objetos reais. Diz Winnicott (2005b): “É geralmente entendido que o princípio da realidade envolve o indivíduo na raiva e na destruição reativa, mas minha tese é que a destruição desempenha seu papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu. Para que isso aconteça, são necessárias condições favoráveis”.

Nessa dinâmica, há fatores pulsionais – a agressividade destrutiva do sujeito – e fatores ambientais – resiliência, tolerância e não retaliação dos objetos reais. Ou seja: “No ponto de desenvolvimento que está sob pesquisa, *o sujeito está criando o objeto no sentido de encontrar a própria exterioridade, e deve-se acrescentar que essa experiência depende da capacidade de sobrevivência do objeto. (É importante que ‘sobreviver’, neste contexto, signifique ‘não retaliar’.*)” (grifo nosso).

Como nos adverte Winnicott, a agressividade destrutiva não é reativa ao encontro com o objeto real hostil, adverso e opositivo. Ao contrário, precede esse encontro porque é um dos fatores que originam a própria percepção da realidade do mundo externo, melhor dizendo, produzem a própria constituição de uma experiência de separação entre interno e externo.

Ou seja, “A suposição está sempre presente, na teoria ortodoxa, de que a agressão é reativa ao encontro com o princípio da realidade, enquanto aqui é o impulso destrutivo que cria a qualidade da externalidade. Isso é central na estrutura do meu argumento”.

## Algumas considerações adicionais

O que se disse acima não impede que, instituída essa separação entre o subjetivo e o objetivo, a realidade externa objetiva possa nos parecer hostil, adversa e opositiva, o que produz, medo e raiva, podendo ter efeitos traumatizantes. É o que diz Winnicott: “o ataque de raiva em relação ao encontro com o princípio de realidade é um conceito mais sofisticado, posterior à destruição que postulo aqui. Não há raiva na destruição do objeto a que me refiro, embora se possa dizer que há alegria pela sobrevivência do objeto. A partir deste momento, ou surgindo desta fase, o objeto está na fantasia sempre sendo destruído. Essa qualidade de ‘estar sempre sendo destruído’ faz com que a realidade do objeto sobrevivente seja sentida como tal, fortalece o tom do sentimento e contribui para a constância do objeto. O objeto agora pode ser usado”.

Me parece inegável que, antes de tudo isso acontecer, a projeção para “fora” do que não cabe no eu-prazer purificado haja produzido um objeto imaginário odioso (é o que nos dizia Freud em 1915), cuja “realidade”, contudo, só será assegurada por via do mecanismo sugerido por Winnicott: trata-se então da destruição desse objeto odioso imaginário (objeto “externo da fantasia”) e da sobrevivência do objeto real, fora da área da onipotência, e não retaliador, menos ameaçador do que parecia na fantasia. Ou seja, a realidade acaba nos livrando da fantasia, essa sim insuportável.

Que fique claro nessa articulação de Freud com Winnicott que o objeto odioso de que falava Freud em 1915, e é pressuposto em seus textos sobre a psicose, é apenas um *objeto externo da fantasia*, mas não é ainda um *objeto externo real* (fora da área da onipotência) e, muito menos, usável. Esse será o que sobrevive e não retalia aos impulsos destrutivos do sujeito tal como descritos por Winnicott.

Evidentemente, a destruição que o objeto odioso imaginário enseja não é um “ataque de raiva”, para usarmos a expressão de Winnicott, trata-se de medo, pavor e ódio. Aliás, diga-se de passagem, o que produz medo, pavor e ódio não é o princípio de realidade – que, desde que instalado converte-se em princípio do prazer adiado – mas é a “realidade” que emerge como hostil, adversa e opositora ainda sob o império do princípio de prazer, antes de o princípio de realidade ser alcançado. Ao dizer que há raiva diante do princípio de realidade Winnicott, parece, está criando uma confusão conceitual desnecessária a ser evitada. Não há raiva frente ao princípio de realidade e mesmo a passagem do princípio de prazer ao de realidade não precisa nem deve ser traumática, como já nos mostraram Ferenczi, Bion e o próprio Win-

nicott, embora isso possa ocorrer, como nos “desastres psicológicos” de que nos fala Bion.

No entanto, podemos agora retomar essa noção bioniana para “esclarecê-la” um pouquinho mais levando em conta as ideias de Winnicott: o desastre não se dá pelo encontro com a realidade hostil, como era sugerido por Freud em 1924, mas pela ausência de um objeto real continente capaz de receber os maus objetos da fantasia projetados para dentro ou sobre esse objeto primário, para que este, sobrevivendo e não retaliando, venha a permitir que a realidade objetiva faça seu trabalho de redução e transformação das fantasias catastróficas. Essa ausência de certa forma confirma a malignidade do objeto externo da fantasia. Isso quer dizer que, embora apoiado no Freud de 1911 e 1924, Bion já se diferencia dele, e essa diferença fica ainda mais clara e aumenta se incluímos na equação a construção da realidade objetiva a partir da destruição do objeto subjetivo odioso. A realidade só se confirma como hostil, adversa e opositora por falta de uma boa relação com o objeto continente.

Retornando às ideias de Winnicott, pode-se dizer que em todos esses estágios, na verdade e não apenas nas condições primitivas dos desastres psicológicos assim nomeados por Bion, os traumas precoces podem ocorrer, valendo a pena chamar de “precoces” aqueles que são anteriores à constituição de um senso de realidade objetiva. Os traumas precoces dizem respeito justamente à emergência da realidade fora da área da onipotência e antes mesmo que um senso de realidade objetiva haja se formado, ou seja, quando ainda era necessário manter-se a ilusão de onipotência, o mundo formado pelos paradoxais objetos transicionais e pela esperança de encontro de objetos externos não retaliadores. Não sustentar as ilusões, não ser tolerante com os paradoxos e retaliar à agressividade primária alimenta a crença em um mundo hostil, adverso e opositivo, a ser evitado, rejeitado. Nesses casos, estaríamos novamente no campo das psicoses, entendidas desde Freud e de Bion como ódio à realidade. Mas quando a realidade é acessada sob o império do princípio de realidade já bem instalado, fazem sentido as palavras de Winnicott colocadas como epígrafe em seu texto de 1945 em que ele também fala dos atendimentos a pacientes psicóticos: “Muitas vezes ouvimos falar das frustrações muito reais impostas pela realidade, mas com menos frequência ouço sobre o alívio e a satisfação que ela proporciona”, o que nos remete à ideia da afirmação do desprazer e suas vantagens.<sup>5</sup>

---

5. Aqui vale a pena chamar a atenção para as inúmeras e felizes convergências entre as ideias formuladas no presente texto e algumas ideias desenvolvidas por Décio Gurfinkel em diversas oportunidades (GURFINKEL, 1995, 2022).

Antes de prosseguir ainda precisamos apontar uma outra diferença importante entre Bion e Winnicott, apesar das convergências acima assinaladas. Quando o desastre psicológico é muito grave e precoce pode ocorrer uma destruição das defesas, vale dizer, uma *passivação* (Cf. FIGUEIREDO; COELHO JÚNIOR, 2018), seguindo uma perspectiva winnicottiana. Já em Bion, haveria sempre uma ativação das defesas, no caso, uma transformação imediata da identificação projetiva normal com função de comunicação emocional primitiva em identificação projetiva com função defensiva e hiperbólica. Seria o que está na base dos ataques contra os vínculos. Ou seja, de um lado, passivação (Winnicott), de outro, ativação das defesas (Bion). Não obstante, há as convergências apontadas acima que nos conduzem ao que vamos desenvolver adiante.

### **A ordem vital do humano e a fina matéria *vida***

Ou seja, quer pela via bioniana, quer pela winnicottiana, não é inevitável que a passagem para o princípio de realidade, isto é, o encontro com a realidade objetiva, independente do sujeito, seja sempre traumatizante.

O que estamos sugerindo é que a “ordem vital” do humano comporta, requer e propicia a instalação das capacidades de mediação e simbolização como condição de aceitação não traumática da realidade hostil, adversa e opositiva, ou seja, a aceitação e afirmação do desprazer como já nos anunciava Ferenczi. Na verdade, a capacidade de representação e simbolização dá *espessura* à matéria *vida* sem a deixar tão vulnerável, mas também sem precisar protegê-la com a blindagem de uma segunda pele, como dizia Esther Bick em 1964 (HARRIS; BICK, 2011), ou com uma defesa anestésica, como a que se dá em estados depressivos e com o uso de álcool e outras substâncias químicas. Vale observar que o ataque contra os vínculos de que fala Bion produz esses efeitos simultaneamente ao destruir os elos intersubjetivos e intrapsíquicos. O ódio aos próprios sentimentos que são visados como veículos de comunicação emocional do sujeito com o mundo e consigo mesmo produz ao mesmo tempo blindagem e anestesia. Isso prevalece enquanto a matéria vida estiver tão fina que o encontro com a realidade seja inevitavelmente traumatizante.

Ao contrário da blindagem e das anestésias, a mediação pela via das representações e simbolização torna a “matéria vida” dos humanos mais espessa e apta a suportar ausências, desencontros, adversidades e oposições. Sonhar, brincar e pensar ampliam a tolerância à frustração, a resiliência às ausências do

objeto, aos desencontros e maus encontros, às decepções, traições etc. A “matéria vida” ganha assim uma boa espessura, deixa de ser tão fina, sem perder sensibilidade. Recordemos que o ataque aos vínculos exposto por Bion é a mais completa expressão da defesa que é acionada quando a matéria *vida*, ainda demasiadamente fina e sem espessura, é traumatizada pelo encontro com a realidade ainda sob o domínio do princípio do prazer. Destruindo os vínculos intersubjetivos e intrapsíquicos, o sujeito blinda-se contra os traumatismos e as dores, o que pode ser feito com a ajuda de drogas, mas pode ser obtido a seco, com os recursos defensivos da psicose.

Nessa medida, o que Bion sugere a partir da década de 60 nos parece fundamental: trata-se da instalação de um “aparelho para pensar”, entendido como o cerne da nossa capacidade de sonhar e brincar, a partir do encontro de um bom objeto capaz dessa espécie de transformação das experiências emocionais mais primitivas que lhe são comunicadas por via das identificações projetivas.

Por todos esses caminhos que vão de Ferenczi a Winnicott e passam decisivamente por Bion, torna-se possível a aceitação não traumática da realidade em toda a sua complexidade e ambivalência, vale dizer, a aceitação e afirmação do desprazer, o que está no centro do que Winnicott chamou de uso do objeto. O que não diminui em nada os riscos de uma passagem desastrosa e traumatizante para o encontro com a realidade.

Retornemos agora ao Caetano Veloso que inspirou este nosso texto:

### **“Existirmos, a que será que se destina?”**

René Roussillon (2015) nos fala da função simbolizante do objeto e invoca o objeto continente e sonhador de Bion e o objeto espelho e brincalhão de Winnicott, sendo a brincadeira social uma herdeira direta da função especular e reflexiva, ou seja, do espelhamento. Gostaria de acentuar não apenas a concepção desses bons objetos a serem procurados (uma concepção explícita em Bion e, de alguma forma, pressuposta em Winnicott), como uma predisposição dos sujeitos humanos a, com base nesses encontros, desenvolver capacidades de representação e simbolização para sonhar e brincar.

Balint em *Thrills and Regression* (BALINT, 1959) nos chama a atenção para a universalidade da brincadeira e do jogo e da importância dessas atividades em estado de regressão para o enfrentamento das ameaças de desastre. Sonhar, brincar, jogar formam a boa espessura que alimenta e engorda a *фина*

*matéria vida* dos humanos e nos torna menos vulneráveis aos percalços da existência sem o recurso à blindagem e às anestésias.

Creemos que a função do objeto para-excitação, como diz Roussillon, ou com função de escudo protetor, como sugeriu bem antes dele Masud Khan (KHAN, 1974), é apenas secundária e coadjuvante: trata-se de filtrar e atenuar o impacto da realidade hostil, adversa e opositiva dando ao sujeito o tempo e o sossego necessários para que possa usufruir das outras qualidades dos bons objetos e formar a espessura de que falamos acima. Afinal, o que mais nos protege do traumatismo é nossa resiliência, o que depende da instalação do “aparelho para pensar” de que nos falou Bion.

Voltando ao nosso começo: *existir* destina-se a procurar e encontrar bons objetos para brincar, sonhar, simbolizar e criar<sup>6</sup>, mas para isso é preciso “apoiar-se” nessa realidade que nós mesmos criamos, apesar de ter estado lá desde sempre, como disse Winnicott, fazer bons usos dela e dela apropriar-se para tirar disso muito bom partido (não a odiar, rejeitá-la e atacá-la à moda psicótica).

E para terminar ainda nas águas de Caetano: “Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome” e a gente brilha nos bons encontros criativos onde encontramos objetos que espelhem, brinquem e sonhem sonhos compartilháveis.

### Tramitação

Recebido 27/02/2025

Aprovado 10/03/2025

### Referências

BALINT, M. *Thrills and regressions*. London: Maresfield Library, 1959.

BION, W. R. (1967). *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento de um pensar esquizofrênico (1956). In: \_\_\_\_\_. *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022a.

\_\_\_\_\_. A diferenciação entre personalidade psicótica e não psicótica. (1957). In:

---

6. Décio Gurfinkel propõe algo semelhante, tomando como mote o mesmo verso de Caetano Veloso e apoiando-se em Fairbairn (GURFINKEL, 2022). Certamente esse autor pode ser lembrado nesse contexto, mas acredito que a essa ideia também podemos chegar, e com vantagens, a partir de Bion e de Winnicott.

- \_\_\_\_\_. *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022b.
- \_\_\_\_\_. Arrogância (1957). In: \_\_\_\_\_. *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022c.
- \_\_\_\_\_. Ataques contra os vínculos. In: \_\_\_\_\_. *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022d.
- \_\_\_\_\_. Uma teoria do pensar (1962). In: \_\_\_\_\_. *No entanto... pensando melhor*. São Paulo: Blucher, 2022e.
- FERENCZI, S. *O desenvolvimento do sentido de realidade* (1913). São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Obras Completas, II).
- \_\_\_\_\_. *O problema da afirmação do desprazer* (1926). São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Obras Completas, III).
- FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JÚNIOR, N. E. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura*. São Paulo: Blucher, 2018.
- FIGUEIREDO, L. C. Das virtudes do parasitismo. Sobre Ferenczi, Freud e além. In: \_\_\_\_\_. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escuta, 2024.
- FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, 10).
- \_\_\_\_\_. (1915). *Pulsões e destinos das pulsões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Obras Completas, 12).
- \_\_\_\_\_. (1924). *Neurose e psicose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras Completas, 16).
- \_\_\_\_\_. (1924). *A perda da realidade na neurose e na psicose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. (Obras Completas, 16).
- \_\_\_\_\_. (1937). *Construções em análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras Completas, 19).
- GURFINKEL, D. *Pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. A busca do objeto. In: FULGENCIO, L.; GURFINKEL, D. (Org.). *Relações e objeto na psicanálise: ontem e hoje*. São Paulo, Blucher, 2022.
- HARRIS, M.; BICK, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. In: *The Tavistock Model*. London: Karnac, 2011.
- KHAN, M. R. The concept of cumulative trauma. In: *The Privacy of the Self*. London: Maresfield, 1974.

WINNICOTT, D. W. (1958). Primitive emotional development (1945). In: *Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. New York: Basic Books, 1975.

\_\_\_\_\_. (1958). Transitional objects and transitional phenomena (1951). In: *Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. New York: Basic, 1975a.

\_\_\_\_\_. (1971). *Playing and reality*. London, Routledge, 2005.

\_\_\_\_\_. The use of an object and relating through identifications. In: *Playing and Reality*. London: Routledge, 2005a.

\_\_\_\_\_. Transitional objects and transitional phenomena. In: *Playing and Reality*. London: Routledge, 2005b.